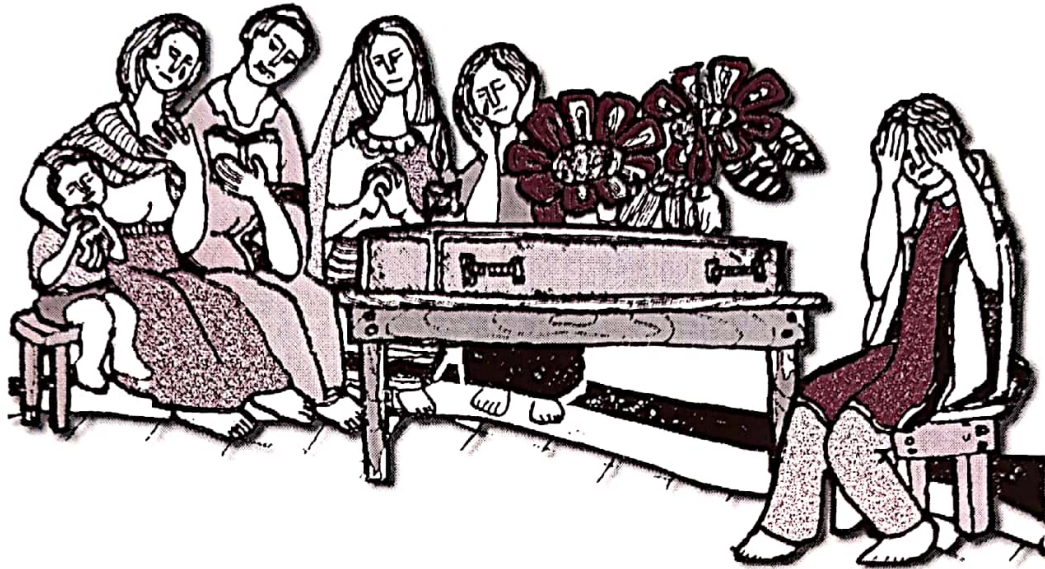


MINISTRAR EXÉQUIAS

Evaristo Eduardo de Miranda (*)

Este texto resulta de trabalho perseverante de uma equipe de ministros de exéquias, em Campinas (SP). A equipe se reveza em plantões diários, acolhendo e confortando as famílias, dando-lhes a possibilidade de viver este momento na confiança do amor de Deus.



O rito das exéquias não é simples de ser realizado nas grandes cidades, onde o contexto familiar torna-se cada vez mais profano, neopagão e frequentemente agressivo frente à presença da Igreja. A descris-tianização do povo pobre é um fato crescente e vai junto com seu desenraizamento cultural. Se as pessoas sentem dificuldades em rezar o pai-nosso durante os enterros de seus entes queridos, quanto mais em participar de cânticos, rezar o credo... Como resgatar o simbólico, o alegórico, o poético e o extraordinário nos funerais cristãos? Como fazê-lo num ambiente neopagão e profano?

Para a Igreja, a dimensão e a atenção catequética no ritual de exéquias têm sido fortemente destacadas desde a conclusão da revisão do rito com o papa Paulo VI. O chamado "Ritual de Paulo VI" é um desses muitos tesouros pouco conhecidos, dentro da própria Igreja. Ele vai além de uma simples

cerimônia de encomendação de defuntos durante o velório: é um direito do cristão e um dever dos ministros da Igreja e da comunidade para com os irmãos falecidos.

O fato de a maioria dos velórios serem realizados hoje nos cemitérios veio facilitar o oferecimento dessa boa obra pela Igreja no difícil ambiente urbano de nossos dias. Com a presença cotidiana de ministros leigos de exéquias nos cemitérios, esse serviço pastoral pode ser oferecido à imensa maioria das famílias enlutadas, em qualquer cidade, ao contrário do que acontece com outros sacramentos e serviços da Igreja.

Investido pelo bispo, cada ministro leigo dedica, em geral, um dia fixo da semana para estar num determinado cemitério. Ali ele presta um atendimento pastoral e litúrgico a todos os familiares e amigos dos falecidos. A pastoral da esperança ou das exéquias vem encontrando novas formas de atender a comunidade e enrique-

cer a Igreja dos dons infinitos do Pai. A experiência pastoral desses ministros leigos vem sendo aprofundada, refletida e sistematizada em reuniões, estudos bíblicos e encontros regulares.

Os cemitérios são um retrato do viver e do morrer em nossa sociedade. São também um espaço onde a graça de Deus opera em pessoas abandonadas por todos, na vida e na morte. Elas ficam surpresas e se sentem amparadas pela presença inesperada da Igreja nos funerais de seus entes queridos. Afastadas da vida da Igreja há anos, ficam tocadas ao descobrir que a Igreja não esquece de seus filhos, e Deus muito menos ainda. Muitos decidem retomar sua caminhada comunitária. Chegam a voltar ao cemitério para agradecer aos ministros pela celebração realizada, para pedir orientações espirituais e para conversar sobre suas vidas!

Para atuar adequadamente no cemitério, os ministros devem pre-

parar-se e organizar-se. A Igreja participa efetivamente da dor de seus filhos nos cemitérios. Sofremos e partilhamos a dor dos presentes. Não se trata de uma encenação teatral ou mecânica. Cada ida ao cemitério implica uma preparação especial e própria para cada ministro. Para a maioria dos ministros é como se fosse um dia de retiro. As principais "providências" praticadas por cada ministro, no seu dia de presença no cemitério, costumam ser as seguintes.

Antes de ir ao cemitério, rezar por todos os falecidos naquele dia; reunir o material litúrgico necessário (rito, folhetos, bíblia, água benta, hissopo, terço...) antes de sair de casa; participar da eucaristia; invocar a presença de Deus antes de entrar no cemitério; entrar no cemitério sob o sinal-da-cruz e reavivar a consciência de que está ali para uma missão, encomendada e instituída pela Igreja.

Ao se apresentarem no cemitério, os ministros de exéquias costumam tomar determinados cuidados. Os cemitérios, muitas vezes, parecem uma rodoviária. As pessoas circulam, entram e saem. Comem nos bares e lanchonetes, bebem e falam alto. Nem sempre existem capelas funerárias. As salas onde ficam os defuntos comunicam-se, de forma inadequada, repercutindo uma cacofonia sonora impressionante. O sagrado perde lugar ao profano. O reconhecimento do ministro e do serviço oferecido pela Igreja deve ser feito de várias maneiras, de forma que tudo concorra para uma sacralização do momento e não para sua profanação.

Nesses ambientes neopagãos, a prática pastoral aconselha algumas atitudes: levar um sinal externo (crucifixo visível no peito, na lapela, terço na mão, bíblia, sacramentário, vestimenta de ministro ou vestes sóbrias...); visitar cada defunto (visitar todas as salas e aproximar-se de cada defunto, saudando os presentes – os familiares, em geral, não esperam por

esta visita, perguntam-se de quem se trata); orar junto ao defunto (manifestar respeito pelo falecido e pelos presentes, invocar a Deus em silêncio, junto ao irmão falecido, sem pressa e em profunda meditação, iniciando e concluindo com o sinal-da-cruz); observar e sentir o ambiente (presença ou ausência de símbolos cristãos – os evangélicos costumam retirá-los, muitas vezes com atitudes de desrespeito pelos símbolos religiosos católicos); observar as atitudes dos presentes, a idade aproximada e o sexo do defunto, bem como sinais particulares vinculados à morte – sinais de violência, de enfermidade...; identificar os responsáveis ou familiares mais próximos (perguntando a hora do enterro; quem é da família; expressando os pesares; apresentando-se como ministro da Igreja, etc); oferecer o serviço gratuito e solidário da Igreja, caso os familiares não se manifestem. Estar atento a qualquer comentário da família sobre as circunstâncias da morte, sobre a vida do falecido, sobre sua relação com a Igreja, etc. Conforme as circunstâncias, o serviço pode ser oferecido como: oração pelo defunto, pela família e amigos; rito de encomendação do corpo; rito de despedida; funeral cristão ou celebração exequial.

Se o enterro não for iminente, é conveniente marcar a hora da celebração com antecedência e aproveitar para prepará-la anotando informações importantes. As vezes, elas são mais fáceis de serem obtidas junto a familiares menos diretos do defunto, em melhores condições emocionais de falar e informar, do que junto aos filhos ou à esposa do falecido, por exemplo. Para que o rito possa ser bem celebrado é importante informar-se sobre: o nome do falecido, as condições ou circunstâncias do seu falecimento, sua idade... o nome dos pais, irmãos, filhos, netos ou parentes, para citá-los na oração dos fiéis; o nome dos parentes falecidos, para lembrar o encontro na casa do Pai, após a encomendação... Esses elementos devem

ajudar na escolha dos textos bíblicos, dos salmos e sobretudo das reflexões a serem apresentadas na liturgia da Palavra.

No momento da celebração, o ministro deve entrar na sala com uma certa cerimônia ou atenção. Muitos costumam depositar uma bíblia aberta sobre o caixão. É uma indicação para todos de que a celebração vai começar. As providências iniciais são: pedir para chamar e reunir as pessoas fora da sala; distribuir os folhetos para acompanhamento da celebração; posicionar-se na cabeceira do defunto; convidar as pessoas a se aproximarem e ficarem de pé; assegurar-se da presença de pessoas mais próximas, que podem ter saído por alguma razão passageira; saber aguardar o necessário (o defunto não tem pressa e o ministro também não deve ter); nas palavras de acolhida, saudar a todos e dar uma primeira explicação sobre o porquê da presença da Igreja no cemitério e sobre o rito que vai ser celebrado.

Nesse momento, os olhares de todos convergem para o defunto e para o ministro das exéquias, cercados, à direita e à esquerda, pelos participantes. Imagens, sinais, símbolos e palavras vão suceder-se num jogo de espelhismos muito característico dos rituais católicos. Em qualquer circunstância, a presença de um cadáver cria e exige uma série de ações litúrgicas, inseridas numa geografia temporal e espacial bastante precisa. Ao ocupar o centro da assembléia, ladeado por coroas de flores, velas acesas, participantes e pelo ministro da Igreja, o defunto – pela atenção e pelo respeito dados ao seu corpo no ritual – é como um prenúncio de nossa certeza na ressurreição da pessoa.

(*) Ministro de exéquias, autor dos livros "A Foice da Lua no Campo das Estrelas – Ministar Exéquias" e "Agora e na Hora – Ritos de Passagem à Eternidade", pelas Edições Loyola.